

Michael Sandel: Justice Series

ESTUDO DE CASOS DE MORAL

Avaliação de diversos casos morais a partir da análise de Michael Sandel, professor do curso de Direito em Harvard.

Compilados, comentados e traduzidos por:

Pedro Peçanha Martins Góes

INTRODUÇÃO

Este documento se propõe a analisar diversos casos de moral, baseados na série “*Justice: What's The Right Thing To Do?*” (Justiça: Qual é a coisa certa a se fazer?), ministrada professor Michael Sandel, professor na Universidade de Harvard. Apresentaremos os diversos episódios da série em diferentes capítulos, cada um tendo sua devida apresentação dos casos morais e seu devido comentário.

Toda a série (atualmente composta de 8 capítulos) está disponível para ser visualizada online, através do seguinte endereço: <http://www.youtube.com/user/Harvard#g/c/30C13C91CFFEFEA6>

Apresentados em língua inglesa, cada episódio aborda conceitos de diferentes pensadores, incluindo suas conclusões, argumentos e convicções. Este documento não se propõe a avaliar tais conceitos, mas somente promover uma exposição dos casos ali expostos.

Caso 01

O lado moral de assassinatos

- **APRESENTAÇÃO PARTE 1**

No primeiro caso, temos a seguinte situação hipotética:

Você vem dirigindo em uma rua, em alta velocidade, dentro de um carro desgovernado. No final da pista, estão cinco trabalhadores consertando o pavimento. Caso você não faça nada, seu carro matará todos os cinco homens. Mas existe uma pequena brecha no volante, que permite a virada do mesmo um pouco para a direita, entrando em uma estrada anexa. No final desta, existe apenas um árduo trabalhador e, caso você vire o volante, apenas um cidadão morrerá.

Como o próprio título da série diz, qual a coisa certa a se fazer neste momento?

- **ARGUMENTOS**

1. Aqueles que defendem a virada para a estrada anexa baseiam-se em argumentos por contagem absoluta de seres humanos, ou seja, opta-se por matar quanto menos pessoas possíveis.
2. Já aqueles que não modificariam a trajetória do carro consideram que a escolha de um ser humano por outros são critérios que não cabem de decisão a determinada pessoa.

- **APRESENTAÇÃO PARTE 2**

Na continuação do primeiro caso, o cenário foi modificado. Desta vez, você está em cima de uma ponte e logo abaixo está a estrada, com o mesmo carro desgovernado e os cinco trabalhadores no final da pista, mas sem a estrada anexa (e logicamente sem o trabalhador solitário no final dela). O carro matará o grupo a não ser que algo aconteça. Ao seu lado, em cima da ponte, existe um cara enorme, um gordão, que, caso você o empurre (e você tem força suficiente para isto), irá cair no meio da pista e conseguirá parar o carro descontrolado, impedindo a morte dos homens trabalhando. O gordão estará morto, caso seja empurrado.

- **ARGUMENTOS**

1. Comparada a primeira situação, nesta seu envolvimento mudou em grandes proporções. A grande maioria das pessoas, que defendiam o desvio para a estrada anexa no primeiro caso, agora trocaram de opinião. De um envolvimento ativo (no primeiro caso não havia a opção de você não matar ninguém, era um ou cinco) para um caso passivo (agora você tem a opção de não matar ninguém).
2. Muito embora, algumas poucas pessoas defenderam a morte do cidadão obeso, baseadas no critério da contagem absoluta.

- **APRESENTAÇÃO PARTE 2**

Agora você é um médico. No hospital onde trabalha, existem cinco pacientes em estado muito grave de saúde e, para que sobrevivam, precisam de transplante de órgãos. Cada um necessita de apenas um órgão, um diferente do outro (um precisa de fígado, outro de um coração, outro de pulmões, etc...). Caso eles recebam o transplante, eles estarão completamente curados e poderão voltar a viver normalmente. Em uma sala anexa, um homem jovem está dormindo após fazer um *check-up* completo. Você acaba de receber os resultados dos exames e vê que o organismo do sujeito está em perfeito estado físico. Dentro deste cenário, uma pergunta surge: você seria capaz de matar o homem saudável para salvar a vida de outros cinco homens?

Obs.: Considere que os órgãos são 100% compatíveis para transplante.

- **ARGUMENTOS**

Neste caso, fica muito mais evidente a presença da moral na decisão de nossas opiniões. Muitas poucas pessoas fariam a troca de órgãos, pois em sua visão, é um ato imoral (independente da contagem absoluta de vidas).

- **CONCLUSÕES**

Quando foi inserida a opção de empurrar deliberadamente uma pessoa para o leito da morte, critérios morais afloram dentro de nós. Em comparação a um simples caso de escolha por contagem absoluta, em que não temos a opção de não matar ninguém, quando nós somos forçados a escolher entre a vida e a morte e somos envolvidos em conceitos morais, pouquíssimas vezes agimos contra o que nós foi concebido.

Caso 02

O caso do canibalismo

- **APRESENTAÇÃO PARTE 1**

Neste próximo caso, temos a análise ética de uma tripulação naufraga, que, após noventa dias sobrevivendo em alto mar, decide sacrificar o mais fraco dos marinheiros sobreviventes para salvar a vida dos outros.

Em meio ao século XIX, uma grande embarcação viajava em alto mar quando, ao longe, observou uma grande tempestade vindo em seu caminho. Sem muitas opções de retorno, os marinheiros tiveram que enfrentá-la, o que provocou o naufrágio do navio. Apenas quatro conseguiram sobreviver: o capitão, dois marinheiros e o novato puxador de velas, de apenas 18 anos.

Após noventa dias vivendo em alto mar, sobrevivendo apenas com a água da chuva e alimentos coletados do velho navio, os homens já estão bastante debilitados, incluindo o mais novo entre eles, Tommy, o puxador de velas.

No momento em que a comida acaba, a preocupação do capitão começa a se tornar muito grande, já que em poucos dias estarão completamente famintos. As esperanças não se concretizam e, três dias após o fim da comida, os homens decidem sacrificar o pequeno Tommy para que eles possam sobreviver. O puxador de velas já estava muito fraco, seu organismo não havia suportado nada bem todos os dias de naufrágio no oceano e já se encontrava em estado quase terminal.

A pergunta neste caso é: poderia o capitão e os outros dois homens terem escolhido sacrificar a vida de outro ser vivo, mesmo em estado muito debilitado, para salvarem a si próprios?

- **ARGUMENTOS**

Desta vez a discussão abre espaço para diversas hipóteses para a resolução deste caso, já que poderiam ser tomados vários rumos diferentes:

1. Antes de terem sacrificado o pequeno Tommy, deveriam tê-lo tratado de maneira igual a todos os outros. Em uma sociedade moral, todos temos os mesmos direitos e os mesmos deveres, logo, não poderia ter

sacrificado o jovem apenas porque ele estava em um estado mais debilitado de saúde. Se transportássemos o sentido destes fatos para nossa sociedade (e não em um ambiente como um pequeno barco perdido no oceano), poderíamos argumentar que grande parte dos pacientes que aguardam um transplante dentro de um hospital podem ser sacrificados caso apareça um grupo de indivíduos mais saudáveis precisando, por exemplo, de sangue para transfusão. Seria plausível então, dentro do contexto em que estamos inseridos, retirar todo o sangue do paciente em estado mais debilitado para que os mais saudáveis sobrevivessem.

2. Caso houvesse uma conversa ou debate antes do sacrifício, poderia ser acordado um sorteio macabro entre aqueles quatro homens ali presentes, determinado a morte daquele que tivesse a sorte de ser sorteado. Logicamente que esta ideia continua sendo fora da realidade. Muitas pessoas, quando em estados muito precários de saúde, não são capazes de raciocinar de maneira sensata e são facilmente guiadas a alguma decisão que não revela seu perfeito estado de consciência. Uma decisão inconsistente. Por isso, apenas podemos considerar tal ideia do sorteio caso todos os quatro estivessem bem fisicamente e psicologicamente. Um exemplo seria a aprovação prévia de algum acordo entre eles que, caso viessem a passar vários dias em alto mar, poderiam realizar um sorteio para o sacrifício de um dos marinheiros em benefício dos outros três.
3. Mesmo quando houvesse um acordo prévio do sorteio macabro, a situação ainda seria imoral. Não importa que tipo de acordo exista entre um ser humano e outro, mas este não poderá envolver a morte de um deles. Casos em que um ser humano oferece sua vida como seguro ou caução são considerados ilegais e, além de tudo, amorais (ausentes e inerentes a moral). Imaginemos um caso em que um agiota empresta dinheiro para determinada pessoa. Diante do enorme valor monetário, a caução determinada é a vida do devedor, caso ele não pague. Quando a dívida não é paga, um processo é aberto na justiça para reaver os bens não devolvidos (a vida e nós, cid). Praticamente todo cidadão apoia aquele que oferece sua vida em um caso de empréstimo.
4. Em último caso, o sacrifício de um homem em bem dos outros só pode ocorrer se, por livre e espontânea vontade, o sacrificado resolve se matar sem influências alheias ou opiniões secundárias. Mesmo assim, nossa moral ainda é ferida, pois um homem teve que se sacrificar por outro(s)

sem que nós pudéssemos fazer nada para ajudar (como o envio de tropas de busca a área do naufrágio).

5. Se Tommy tivesse a oportunidade de se mostrar contra seu assassinato, todos os outros homens deveriam ter respeito a sua condição. Não importasse as consequências deste fato (poderiam os quatro morrerem juntos), pelo menos o direito universal de cada indivíduo a vida teria sido respeitado.

- **CONCLUSÃO**

“O pequeno Tommy não teve a chance de determinar suas convicções (devido ao estado de saúde em que estava) e foi assassinado por um conjunto de três homens, sem nenhuma chance de defesa”. Esta foi a decisão do tribunal que julgou os três marinheiros, alguns poucos meses após serem encontrados por um transatlântico em um pequeno barco boiando no mar aberto. Foram salvos apenas três dias após comerem o seu antigo companheiro, o puxador de velas Tommy.

Não somos capazes de determinar quando podemos ou não matar o outro para sua própria salvação. Mesmos em casos de legítima defesa, estamos eliminando uma vida em detrimento da outra, passando sobre o direito universal da vida.